



LIVRO 6

**ATRÁS DAS LINHAS
INIMIGAS**

JENNIFER A. NIELSEN

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.
INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Behind Enemy Lines

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN Keirsten Geise

MAPA Jim McMahon © Scholastic Inc.

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nielsen, Jennifer A.

Atrás das linhas inimigas / Jennifer A. Nielsen ; tradução
Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: Behind Enemy Lines.

ISBN 978-85-65765-58-9

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

14-12863

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Cair, levantar e correr

RIQ CHEGOU À NOVA REALIDADE se esborrachando no chão duro. Ele gemeu e apalpou rapidamente o corpo para ver se algo estava quebrado. Por algum motivo, havia um graveto no bolso da calça, uma lembrança de sua recente aventura na expedição de Lewis e Clark. Estava quebrado, mas não era isso que o preocupava. O joelho no qual ele havia aterrissado doía e em pouco tempo surgiria um hematoma feio. Quando se juntou aos Guardiões da História, ninguém o avisou sobre os riscos inerentes ao trabalho.

— Vocês estão bem? — ele perguntou a Dak e Sera. Como não ouviu nenhuma resposta, levantou e olhou ao redor. Onde eles estavam?

— Uma mãozinha, por favor!

Era a voz de Dak, mas Riq demorou um pouco para localizá-lo. Quando conseguiu vê-lo, soltou um suspiro de de-

sânimo. Dak e Sera haviam aterrissado sobre o toldo de um prédio. Sortudos como eram, poderiam muito bem ter caído sobre uma pilha de travesseiros. Riq estendeu a mão para ajudá-los a descer, mas Sera segurou a barra metálica do toldo e saltou sozinha para o chão.

— Quer me fazer passar vergonha, é? — Dak perguntou, rindo. — Tudo bem, pode deixar que eu desço sozinho.

Ele se segurou na mesma barra mas, em vez de deslizar pelo toldo, caiu como um saco de batatas e acabou preso pelo cinto em um dos postes de sustentação.

Em meio a gargalhadas, Riq disse:

— Não sei como você sobreviveu sem mim por tantos anos.

— Fique sabendo que da última vez que caí em cima de um toldo consegui descer sozinho numa boa — Dak disse em sua defesa.

Riq ficou curioso para saber quando e como isso tinha acontecido, já que não fora em suas viagens no tempo. Mas achou melhor não perguntar.

Em vez disso, ergueu Dak pelo cinto e, com a ajuda de Sera, tirou o garoto dali. Quando Dak se soltou, caiu em cima dos outros dois, que se estatelaram no chão. Riq tinha certeza de que ganharia um hematoma no outro joelho com essa queda. Mais uma vez Dak tinha aterrissado em algo macio: ele.

Os amigos se levantaram e sacudiram a poeira das roupas enquanto observavam o local: uma cidadezinha silencio-

sa com lojas e prédios comerciais simpáticos, todos fechados, pois já era noite.

— Está tarde — comentou Sera. — Acho que eu deveria estar com sono, mas para nós é como se ainda fosse dia claro no Velho Oeste.

Riq suspirou. Fazia tempo que não pensava em como *deveria* se sentir.

— É tudo relativo — ele disse. — O tempo, o dia da semana, as estações do ano... Não interessa o que diz o relógio, nós dormimos quando dá sono e comemos quando temos fome.

— Bom, eu estou sentindo os dois. — Dak lambeu os lábios para enfatizar a parte da fome. — Vamos dar uma volta na cidade e procurar comida e um lugar pra ficar. Dever ter queijo por aqui.

As ruas eram estreitas e seguiam trajetos que pareciam aleatórios. Os olhos de Riq procuravam instintivamente os letreiros, para tentar descobrir onde estavam. Muitas construções pareciam antigas, mas havia carros estacionados junto ao meio-fio, além de cabines telefônicas e caixas de correio nas calçadas.

— Estamos no século xx — Sera falou quando começaram a caminhar. — E em algum lugar da Europa, certo? Queria que o SQuare informasse o lugar e a época para onde estamos indo, não só as coordenadas para inserir no Anel.

Riq apontou para uma placa à sua esquerda.

— “Açougue McGregor e Família” — ele leu. — Está em inglês.

— Estamos em Aberdeen, na Escócia — informou Dak.
— No dia 21 de abril de 1943. Bem no meio da Segunda Guerra Mundial.

Riq detestava admitir, mas às vezes Dak era muito preciso em suas deduções. Ele ia começar a dizer isso em voz alta, mas desistiu quando olhou para o garoto.

— Que foi? — perguntou Dak, segurando um jornal todo amassado. Mesmo à distância, Riq conseguiu ler o nome da publicação: *The Aberdeen Press & Journal*. Sem dúvida a data estava logo abaixo.

— Você é mesmo um baita Sherlock Holmes — comentou Riq.

— Se quer dizer que sou bom em encontrar pistas para minhas deduções brilhantes, vou aceitar como um elogio.

— Certo, Sherlock, agora tente descobrir por que estamos aqui. — Riq olhou ao redor. — Quem está com o Square?

Sem soltar o jornal, Dak enfiou uma das mãos dentro da calça, sacou o tablet e o ofereceu a Riq.

— Que nojo! — Riq não entendia por que o garoto insistia em carregar o dispositivo dentro da calça.

— Pode deixar comigo — falou Sera, estendendo a mão. — Ele não está funcionando direito desde que precisou ser desmontado em Bagdá, então acho que vou precisar fazer uns ajustes.

Os três pararam sob um poste de luz e Sera ligou o dispositivo. A tela demorou mais do que o normal para acender, o que deixou Riq preocupado. Na primeira metade do século

xx, a tecnologia ainda era bastante primitiva. Os melhores computadores da época ocupavam salas inteiras e só serviam para fazer cálculos matemáticos. Onde eles conseguiriam outro SQuare se aquele não funcionasse mais?

Só havia uma resposta para aquela pergunta: no futuro. Na verdade, os Guardiões da História já tinham avisado que o trio precisaria voltar ao futuro para pegar um SQuare novo antes de corrigir a Fratura Fundamental, que deu origem a todas as outras. Riq, porém, queria adiar essa viagem o máximo possível. Ele interagira com seus antepassados em uma das Fraturas anteriores e estava apavorado com as possíveis consequências. Principalmente se isso significasse que, quando voltasse ao século XXI, ele não existiria mais.

Sera deu um tapinha na lateral do tablet e as letras apareceram na tela. Elas formavam uma única palavra que a garota se inclinou para ler melhor.

— Deve estar quebrado — ela falou. — Só tem um pedaço do código aqui.

— O que está escrito? — Riq perguntou.

Sera encolheu os ombros.

— “Corram.”

Riq cruzou os braços, tentando imaginar que tipo de pista poderia estar escondida naquela palavra.

— “Corram”? Mas isso pode significar qualquer coisa.

— Nesta época, em Aberdeen, só tem um significado — Dak disse. — *Corram!*

Ele disparou pela rua, com Riq e Sera logo atrás. Pouco

depois, Riq ouviu o ruído grave de motores vindo em sua direção. Motores de aviões, vários deles.

— Bombardeiros! — Riq gritou.

Dak parou por um momento e se virou. Quando olhou para cima, o medo ficou estampado em seu rosto. Riq também ergueu a cabeça. Contra o céu noturno era possível distinguir a silhueta de vários aviões, voando baixo o suficiente para que as suásticas nazistas pintadas de preto ficassem perfeitamente visíveis em suas caudas brancas. Riq estremeceu só de olhar.

— Parece que tem gente gritando — Sera falou, tapando os ouvidos para bloquear o ruído assustador.

— São sirenes instaladas nos aviões — explicou Dak. — É uma estratégia de guerra psicológica, para assustar as pessoas.

— Os bombardeios não são assustadores o suficiente? — rebateu Sera.

— Todo mundo tinha medo dos bombardeios — afirmou Dak, olhando para trás. — A força aérea alemã era uma das mais poderosas do mundo.

— Esquece a história e vê se corre mais rápido! — Riq pediu.

A resposta de Dak foi abafada por mais uma sirene, que parecia soar bem perto deles. O barulho ensurdecidor ecoou pela noite, avisando sobre o ataque aéreo.

E de repente os aviões estavam bem acima deles.

Dak entrou em uma rua à esquerda mas, com o canto do olho, Riq viu um avião lançar alguma coisa naquela direção.

Ele segurou Dak pela manga da blusa e o puxou de volta. Sera gritou quando outra bomba foi despejada na rua à direita. Estilhaços de vidro se espalharam pelo ar, e o muro de um prédio desabou.

Poderia ter gente lá dentro, pensou Riq.

— Vamos pra lá! — Sera chamou, correndo para uma igreja adiante.

— Não! — gritou Dak. — Eu já vi fotos dessa igreja... depois do bombardeio.

A essa altura, mais pessoas corriam pelas ruas, homens e mulheres de pijama, carregando crianças no colo ou as puxando pela mão. Os pequeninos choravam em meio às explosões que ecoavam pela cidade como um show pirotécnico mortal. Riq, Sera e Dak se viram cercados e forçados a seguir a multidão. Riq não sabia aonde estavam indo, e não gostava da ideia de ser guiado por um bando de gente em pânico. Quando viu uma abertura, puxou Dak e Sera para uma ruela lateral.

Eles deram de cara com um batalhão de soldados que vinha correndo em auxílio das pessoas. Riq e Dak se encostaram na parede para sair do caminho, mas Sera não foi tão rápida e caiu no chão. Um dos soldados parou, um jovem magrelo de sorriso fácil e cabelo ruivo bem curto. Ele estendeu a mão para ajudar Sera a se levantar.

— Vocês não são de Aberdeen. — O soldado observou as roupas dos três e concentrou seu olhar no Square nas mãos de Sera. — Cadê o seu pessoal?

— Nossas famílias? — perguntou Riq, enquanto Sera tirava a sujeira da roupa. — Estamos sozinhos, e muito longe de casa. Precisamos de abrigo.

— Sou o cadete Duncan Shaw — apresentou-se o soldado. — Posso ajudá-los, mas cuidado com as bombas.

Duncan os guiou até um beco. Riq olhou para as paredes altas dos dois lados da passagem e pensou que, se uma bomba caísse ali, as construções ao redor desabariam e eles não teriam a menor chance de escapar.

— Pra onde você está levando a gente? — ele questionou.

— Abrigo antibomba. — Ele os conduziu até uma pequena estrutura de metal com teto arredondado, semienterrada no chão. — De joelhos!

Ele praticamente jogou Sera no chão. Dak e Riq engatinharam para dentro do abrigo logo em seguida. Alguma coisa explodiu atrás deles, obrigando-os a ir mais depressa. Duncan vinha atrás, e alguns segundos depois o som das paredes de pedra e outros detritos despencando sobre o beco invadiu o abrigo, junto com a poeira e fragmentos de granito.

— A tunda dos nazistas está pesada hoje! — Duncan comentou.

— Tunda? — Dak cochichou para Riq.

— Significa “surra” — Riq suspirou.

— Meu tradutor não está pegando algumas palavras — Sera murmurou para Riq. — Deve estar quebrado também.

— Está funcionando muito bem — Riq disse baixinho. —

É que, apesar do vocabulário meio diferente, Duncan também está falando inglês.

Eles ficaram sentados em silêncio por um momento, em um espaço para no máximo seis ou sete pessoas. Riq se perguntou se mais alguém entraria no abrigo, mas ninguém veio. Dak começou a ficar inquieto e Riq já sabia por quê: ele estava pensando em algum fato histórico que precisava ser compartilhado, mesmo que ninguém quisesse ouvir.

— Desembucha — disse Riq. — Você vai acabar tendo um treco se não falar logo.

Dak abriu um sorriso.

— Os aviões alemães são bem impressionantes e tudo mais, só que os mais interessantes mesmo são os *Spitfire* britânicos. Sabiam que eles eram pintados de rosa? Assim ficavam quase invisíveis quando voavam baixo no fim de tarde. Imagine só... aviões cor-de-rosa!

— Os únicos aviões que me interessam agora são os que estão em cima da minha cabeça — disse Sera. — Por que a gente não pode ir para um lugar tranquilo, pelo menos uma vez?

Duncan suspirou e se inclinou para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Pois foi justamente o que pensei. Já entendi do que vocês precisam. Sentem-se aqui e vamos levar um dedo de prosa.

— Uma conversa? — Riq reformulou para que Sera entendesse. Dak que se virasse sozinho. — Sobre o quê?

— Vocês estão muito longe de casa, não é? Uma distância medida em anos, não em quilômetros.

— Como você sabia que...? — Sera começou a perguntar. Duncan abriu um sorriso.

— Reconheci vocês no ato. Sou o seu Guardião da História.

O desafio do Guardião da História

DAK TROCOU OLHARES COM RIQ E SERA. Ele viu a mesma dúvida estampada no rosto deles: Duncan era confiável? Ele achava que o cadete não era da SQ, senão teria conduzido os três na direção das bombas em vez de um lugar seguro. No entanto, eles já haviam sido enganados antes.

Dak decidiu que valia a pena arriscar.

— Se você é mesmo nosso Guardião da História, o que acha que deu errado aqui?

Duncan revirou os olhos.

— Não está ouvindo as bombas? O furdunço nas ruas? Ora, rapaz, está tudo errado aqui!

Dak sacudiu a cabeça:

— A Segunda Guerra Mundial foi o conflito armado mais devastador de todos os tempos. Milhões de pessoas morreram e o mundo nunca mais foi o mesmo. Foi uma guerra terrível,

mas isso por si só não significa que a história tenha saído dos trilhos.

Na verdade, Dak não aguentava mais ver a história se alterar. Tudo o que sabia sobre o mundo se baseava em seus conhecimentos do passado. Duvidar da história que conhecia era o mesmo que andar sobre uma superfície de gelo fino sem saber em que momento ela iria desmoronar.

— Eu entendo o que você quer dizer — respondeu Duncan —, mas os Aliados precisam ganhar a guerra. Se perdermos, não são só os nazistas que ganham. A SQ também.

Dak fechou os olhos. Todo mundo aprendia sobre a Segunda Guerra Mundial na escola e, obviamente, ele sabia muito mais a respeito do que os professores, que em geral o deixavam tomar a palavra durante as aulas. Além de espalhar conflitos por todas as regiões do globo e criar armas capazes de destruir cidades inteiras, a derrota na guerra também significou um duro golpe contra o direito à liberdade — a verdadeira liberdade — no mundo inteiro.

De um lado estavam as potências do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Os alemães eram liderados por Adolf Hitler, que Dak considerava um dos maiores vilões de toda a história. Hitler queria construir um império para as pessoas que considerava dignas de continuarem vivas, ou seja, as de sua etnia. Só de pensar nesse homem, e nos milhões que foram mortos sob suas ordens, Dak sentia o estômago revirar.

Boa parte do mundo se uniu para combater as potências do Eixo. Os Aliados, como ficou conhecido esse grupo de

oposição, eram liderados por Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha, da qual fazia parte a Escócia, que naquele momento sofria um ataque aéreo.

— Ninguém saiu vencedor desta guerra, na verdade. — Sera cutucou o melhor amigo com o cotovelo. — Acredite ou não, Dak, às vezes eu presto atenção no que você fala.

Dak arregalou os olhos.

— Como assim “às vezes”?

Ela encolheu os ombros como quem pede desculpas não muito sinceras.

— Se você prestasse atenção em *tudo*, saberia a parte mais importante — disse Dak. — As potências do Eixo e os Aliados arrasaram umas às outras, mas no final um vencedor emergiu, porque toda destruição deixa um lugar vago a ser ocupado. Uma organização que esperava pela oportunidade perfeita há centenas de anos aproveitou essa brecha.

Riq entrou na conversa:

— Logo depois da Segunda Guerra Mundial, a SQ se apresentou a todos com uma promessa de paz, segurança e progresso. O mundo se apegou a isso como um náufrago se agarra a uma boia. Mas, em vez de cumprir sua promessa, a SQ trouxe ainda mais tirania e terror.

— É o que imaginávamos — Duncan falou. — Os Guardiões da História acreditam que os Aliados precisam ganhar a guerra; caso contrário, será impossível deter a SQ. — Ele estufou o peito para mostrar melhor sua farda. — Foi por isso que me alistei na Marinha Real. Tenho que lutar, fazer

minha parte. Mas precisamos de alguém para mudar o rumo das coisas: vocês três.

Sera sacudiu a cabeça.

— Três adolescentes mudando o rumo de uma guerra mundial? Isso é loucura! Sem chance.

Ocorreu uma explosão bem perto de onde estavam e eles ficaram em silêncio por um instante. Algo se chocou contra a lateral do abrigo, amassando a superfície de metal atrás de Riq. Eles se afastaram um pouco mais das paredes e esperaram que o barulho da chuva de detritos parasse.

Então, Duncan falou:

— Não vai ser fácil, mas é possível.

— Como? — questionou Riq.

Duncan se virou para Dak:

— Você é bem entendido nessa área de história, não? Pois me diga, do que os Aliados precisam para ganhar?

Dak deu uma risadinha. Escolher o que ele queria para o jantar era mais difícil que responder aquela pergunta.

— A Alemanha e a Itália estão muito bem protegidas — ele falou. — Se os Aliados querem vencer, precisam romper essa defesa.

— É como um jogo de futebol — acrescentou Riq. — Você pode jogar na retranca se quiser, mas só vai conseguir ganhar se partir para o ataque e marcar um gol.

— Claro, Riq — retrucou Dak. — Uma guerra mundial é igualzinha a um jogo de futebol. A *mesmíssima* coisa.

Riq e Dak resmungaram quando Sera os chutou bem na

canela. *Por falar em futebol, isso foi bem habilidoso*, pensou Dak. Ela chutou dois alvos diferentes ao mesmo tempo, e com bastante força.

— Entendo — respondeu Duncan. — Sim, os Aliados precisam entrar na Alemanha e na Itália. E o melhor caminho para fazer isso é pela Sicília.

— Ah, boa sorte com isso! — disse Dak. — Adivinha quem mais considera a Sicília importantíssima? A Alemanha. Hitler protegeu tão bem aquele lugar que os Aliados podem pôr tudo a perder se atacarem por lá.

— Como podemos ajudar? — perguntou Sera.

Duncan olhou ao redor por um instante, como se temesse que alguém estivesse escutando, o que Dak achou um tanto estranho, já que eles eram os únicos dentro do abrigo e lá fora o ataque aéreo continuava. Não parecia o momento ideal para alguém bisbilhotar.

— Ele não é um Guardião da História, mas... meu melhor amigo trabalha em Londres, na sala 13 do Almirantado. Ele me contou sobre um plano que estão elaborando por lá. Eu jurei manter o bico calado, mas acho que para vocês posso contar.

Para escutar melhor, Dak se curvou tanto para a frente que quase perdeu o equilíbrio. Ele adorava planos secretos.

— O que vocês acham de se tornar espões? — Duncan perguntou, com um sorriso.

Para Dak, aquela era uma ideia genial. Ele começou a contar para Duncan que a espionagem remontava aos primórdios

da história, mas logo foi interrompido pelos gritos de uma mulher pedindo ajuda no beco. Duncan pôs a cabeça para fora.

— Fiquem aqui, e nada de disparates. Vou ajudá-la!

Ele saiu correndo noite adentro, enquanto Dak, Sera e Riq o observavam da porta, com o coração quase saindo pela boca. Duncan conduziu a mulher em segurança até uma arca-da, mas, enquanto corria de volta para o abrigo, uma nova explosão aconteceu e pedaços enormes de pedra despencaram do céu, inundando o beco com uma avalanche de destruição.

Riq puxou Sera e Dak para o fundo do abrigo, de onde viram enormes blocos de granito se acumularem sobre a pequena entrada. Em questão de segundos, a porta foi totalmente bloqueada e tudo ficou em silêncio.